

A LÍNGUA PORTUGUESA E OS TRABALHOS CIENTÍFICOS

Paulo Cesar RODRIGUES Borges - Maj QEM Cart

"A pátria não é a raça, não é o meio; é o idioma, criado ou herdado pelo povo.

Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, quando começa a perder o amor ao idioma natal. A morte duma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua." (Olavo Bilac - citado por Barbosa Lima Sobrinho no livro: "A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil").

1. INTRODUÇÃO

A língua é uma instituição feita de hábitos, sancionados pela comunidade na forma de leis e normas, segundo diversos usos - literário, coloquial, cerimonioso, íntimo, infantil, regional¹. A Constituição de 1988, em seu Capítulo III (Da Nacionalidade), Art. 13, consagra a importância desta instituição, determinando o português como idioma oficial do Brasil.

O uso culto e literário, onde se enquadra um trabalho científico, tem, como todos os outros, suas constantes e sua tradição aprovada. As normas gramaticais só tratam desta linguagem culta (adquirida), uma vez que ela é o ponto de encontro de todas as outras variantes¹.

Defender a língua-padrão-comum do Brasil e de Portugal é obra de inteligência e de patriotismo, porque ela resulta dos

esforços ascensionais da comunidade. É necessário amor ao vernáculo, compreendido como um valor alto da nacionalidade e da nossa cultura ameaçada.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NA COMUNIDADE CIENTÍFICA NACIONAL

No que tange à redação, é lamentável o nível de apresentação de trabalhos científicos em instituições de ensino superior que oferecem cursos de graduação, mestrado e doutorado.

O conteúdo dos trabalhos, com certeza, é de grande proveito. Lê-los (decifrá-los), porém, torna-se uma tarefa difícil e cansativa, pelo amontoado de palavras mal concatenadas em frases de sentido percebido apenas pelo grupo restrito que participou de perto de sua elaboração. Isso não é literatura científica, já que esta deve se identificar com a linguagem culta e adquirida.

É injustificável o argumento da exigüidade de tempo, utilizado pelos profissionais da área científico-tecnológica, com o intuito de disfarçar seu despreparo em Redação e Estilística.

Deve-se evitar a aberração totalitária da Gramática, denominada "gramatiquice", que não observa o método indutivo de aquisição de conhecimento da correta gramática, com a observação dos fatos da linguagem coloquial culta e dos fatos recolhidos nos textos dos bons autores modernos, sistematizando-os⁴.

Se a gramatiquice peca pelo excesso de rigor infundado, deve-se tomar cuidado com o efeito inverso, que é o desleixo, o descaso total pela correção, o desprezo da língua literária e a

Idéia de que se deve escrever como se pensa e se fala¹.

Na apresentação de trabalhos científico-tecnológicos, é claro que a ordem das palavras tende para uma certa fixidez.

Observa-se na língua hodierna uma tendência natural para o discurso em ordem direta, inversamente à linguagem clássica, onde a forte influência do latim literário fazia quase sempre predominar a ordem inversa. No entanto, mesmo hoje em dia, em muitos casos é de praxe a ordem indireta, como se vê nas orações de verbo intransitivo, nas de voz passiva e nas orações imperativas: "caiu o presidente": "foi vendida uma casa": "cumpra-se a decisão judicial".

Escrever bem não é escrever apenas com correção. É preciso desvendar o gênio da língua, que é o que nela existe de mais íntimo, de mais difícil penetração por um alienígena, facilmente sentido por um nacional¹.

Possuir o gênio da língua é ter o sentimento da linguagem e da vernaculidade. Aí está o verdadeiro método de domínio duma língua: não despertar a obsessão pelo erro e, ao mesmo tempo, não enveredar pelo caminho do desleixo e da vulgaridade.

2.1- O PERIGO DOS BARBARISMOS

Barbarismo é o emprego, na língua, de palavras estranhas na forma ou na idéia, ou inteiramente desnecessárias ou contrárias à sua índole. Há barbarismos léxicos (palavras) e sintáticos (frases)², mais graves que os primeiros.

As procedências são várias: gallicismos (do francês),

castelhanismos (do espanhol), anglicismos (do inglês), etc.².

Os galicismos já concorreram muito para barbarizar o português. As causas dessa influência acham-se não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe fortaleceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação da literatura francesa².

A permuta de vocábulos é, até certo ponto, admissível entre as diversas línguas. Neste caso, indispensável se torna que o vocábulo exótico, ao entrar no português, se expunja de todos os stigmas, que lhe assinalam a ascendência e sofra a aclimação, vestindo-se dos característicos idiomáticos e adaptando-se à mesma forma daqueles com que vem concorrer².

Os galicismos sintáticos e léxicos já se ajustaram razoavelmente à feição portuguesa.

O grande perigo atual reside na invasão dos anglicismos em nosso idioma.

2.2- A INVASÃO DOS ANGLICISMOS

O perigo em pauta advém de duas causas fundamentais:

1) A degradação do ensino do Brasil como um todo e do português, em particular;

2) Mais do que qualquer outra língua no mundo, o anglo-americano vem introduzindo novos termos e expressões na literatura científica de forma descontrolada e sem sustentação vernácula, mercê da posição político-financeira extremamente vantajosa de seus falantes e pelo fato de possuir, no ramo de línguas indo-

européias, um caráter híbrido

O inglês atual possui um substrato básico de palavras procedentes da mesma família a que pertencem o alemão, o holandês, o flamengo, o frisão, o norueguês, o sueco, o dinamarquês e o islandês. Assimilou milhares de vocábulos de origem latina. Também incorporou impressionante sortimento de raízes gregas. Das mil primeiras páginas do "Concise Oxford Dictionary", extraíram-se os seguintes dados:

- 53,6% são palavras de origem latina:
- 31,1% são palavras de origem germânica:
- 10,8% são palavras de origem grega^B.

Assim, o inglês tem a chave de acesso a dez línguas vivas européias^A.

Isto não implica abdicar dos processos naturais e científicos de assimilação de novos termos estrangeiros. Não vai aí qualquer tipo de xenofobismo anacrônico e intolerante, mas é urgente perceber o que vem ocorrendo na literatura científica nacional, a fim de que expressões e termos mal assimilados não venham a receber a consagração do hábito na linguagem coloquial do meio científico do Brasil, afastando esse tipo de linguagem da ideal, culta e literária.

Não há por que se acanhar em empregar um termo vernáculo no lugar de uma importação anglo-americana, às vezes mal formada na própria origem. Pelo contrário, o português consegue harmonizar tradição e liberdade. Dentro das línguas neolatinas, é a que mais conservou o vocalismo do latim vulgar. Na morfologia e no sistema

flexional, mostra-se ainda a língua portuguesa muito conservadora e rica. As sintaxes de concordância, de regência e de colocação marcam-se pela riqueza, variedade e liberdade⁴.

Para se traduzir uma obra é necessário que o tradutor seja um experto no assunto em tela, tendo bagagem razoável de conhecimento lingüístico da língua da qual não é falante natural, evitando enorme desperdício de energia intelectual no ajustamento das diferenças idiomáticas e confusão por parte dos leitores.

Uma contribuição auspiciosa foi a do Cel R/1 Roberto Mis-cow Filho, do conselho editorial da RMCT, destacando barbarismos sintáticos, muito comuns em traduções mal feitas, p.ex.:

- consist of: o correto é traduzir esta expressão do inglês por consiste em, porque a regência do verbo consistir em português exige a preposição em e não de.

- to assume: o correto é traduzir o verbo inglês por supor e não por assumir.

Não é comum na literatura anglo-americana o uso do artigo definido no início de frase. No português, todavia, tal uso é tradicional; p.ex.: "Wrong warning may confuse all the drivers" tem versão adequada em: "O aviso errado pode confundir todos os motoristas".

A pobreza na flexão verbal do inglês induz ao uso excessivo de pronomes pessoais. No português, pela riqueza de sua flexão verbal, este uso pode ser moderado, já que o sujeito da oração fica bem claro.

Outro caso de tradução indevida é o do vocábulo sophistic-

ated, que tem sido traduzido do anglo-americano sob a forma de sofisticado. Vale esclarecer que os bons dicionários trazem as seguintes acepções para o mesmo: falsificado, adulterado, tratado com sutileza; no Brasil: falsamente refinado, requintado ao extremo e aprimorado. É desta última variante que se deve extrair a tradução mais adequada, p.ex.: "...sophisticated circuit " como "circuito elaborado, complexo".

Em textos franceses, o uso indiscriminado de artigos indefinidos (um, uma) não deve ser transmitido às versões em língua portuguesa.

Outro barbarismo sintático ocorre quando o escritor técnico nacional esquece que seu idioma possui o flexões no modo subjuntivo verbal, o que não ocorre no inglês; p.ex.: "Supomos que todas as equações neste capítulo são sobre ...". No caso em pauta, o correspondente "are" do inglês foi traduzido incorretamente para "são" ao invés de "sejam".

Finalmente, o escritor técnico falante do português parece também esquecer-se de que seu idioma se caracteriza por diferenciar de forma sutil o emprego dos verbos ser e estar, o que não acontece com um falante do inglês, que só possui o verbo "to be" para os dois casos. A um nacional fica evidente a distinção entre as formas: "José está doente" e "José é doente", o que já não é tão fácil de distinguir para um estrangeiro. Uma tradução feita sem esmero pode deturpar este sentimento, tornando o teor do período ainda mais dúbio para um leitor mais atento.

3. IDENTIFICAÇÃO DE ALGUNS BARBARISMOS NAS ÁREAS DE INFORMÁTICA E DE CARTOGRAFIA AUTOMATIZADA

Dando um passo no sentido de aprimorar esse nível de apresentação de trabalhos na área da Informática e, em particular, na área das geociências (Geografia, Cartografia, Geodésia, Geofísica, etc.), foram reunidas algumas palavras e expressões que tendem a se arraigar no jargão científico de forma inadequada.

Foi dirigida uma carta ao ilustre filólogo e lingüista, Professor MELO⁴, para que apreciasse um limitado grupo de termos e vocábulos de uso corrente na área da Informática e da Cartografia Automatizada. O objetivo seguinte é enviar aos órgãos normativos (CABNT, IBGE, DSG, etc.) tais apreciações, esperando-se que os mesmos baixem normas, antes que sobre tais termos recaia a consagração, difícil de ser modificada.

A seguir, alguns dos termos e vocábulos mais usados na Cartografia Automatizada, cujos correlatos no vernáculo serão apresentados no item seguinte: "acessar", "acuracidade", "batch", "bit", "buffer", "byte", "chip" de silício, "deletar" e "deleção", "digitar" e "digitalização", "disquete", "display", "formatar", "drive", "hardware", "imagear", "imageador" e "imageamento", "mouse", "offset", "off-line", "on-line", "overlay", "plotter", "raster", "scanner", "Sensoriamento Remoto", "software", "time sharing", "winchester" ou "hard drive", dentre outros que o pouco espaço aqui disponível não seria suficiente para abranger.

4. ACLIMAÇÃO E UMA PROPOSTA DE SUBSTITUIÇÃO VERNÁCULA PARA OS

BARBARISMOS IDENTIFICADOS NAS ÁREAS DE INFORMÁTICA E DE CARTO- GRAFIA AUTOMATIZADA

Neste item, alguns termos serão traduzidos por simples consulta a bons dicionários em versões mais adequadas, mas não muito correntes. Outros termos, por não terem tradução direta, serão discutidos.

Vale dizer que há bons manuais e dicionários, específicos da área de Informática, que contornam o problema de tradução direta de termos não muito polêmicos. Cada área do conhecimento tem sua nomenclatura particular para certos termos. Em primeiro lugar, os menos controversos:

- acessar: tanto o inglês quanto o português não registra este verbo, correspondente à expressão ter (dar, conseguir, etc.) acesso a, que deve ser usada na acepção em tela.

- batch: processamento em lote.

- bit: intraduzível, mas significa a unidade elementar de informação binária, termo bem extenso em relação ao preferido monossilábico inglês. Daí, para revesti-lo das características luso-brasileiras, grafá-lo como sugere MELO¹: bite, à semelhança de clipe (para "clip"), léiser (para a sigla inglesa LASER), etc.

- buffer: significa uma área de memória para armazenamento temporário de dados, a fim de permitir a compensação entre a velocidade de transmissão desses dados da memória principal para os periféricos. O recurso aqui seria o de usar o termo memória intercorrente (LELLO UNIVERSAL registra: "Que sobrevém enquanto outra coisa dura."), pondo "buffer" entre parênteses até que hou-

vesse a consagração do nacional.

- byte: já é muito corrente o uso do correlato palavra (palavra de 8, 16, 32... bites, p.ex.).

- chip de silício: pastilha de silício.

- deletar e deleção: são barbarismos sem a mínima sustentação vernácula, já que o verbo inglês "to delete" teria como tradução direta o defectivo português delir (apagar). Os verbos eliminar, remover e os respectivos substantivos, eliminação e remoção, já estão bem consagrados na literatura científica culta.

- disquete: não há razão para aportuguesar o vocábulo inglês "diskette", inexistente em bons dicionários. Já é bem consagrado o uso de disco flexível ou disco.

- display: a literatura científica culta registra unidade de exibição visual, visor e monitor de vídeo.

- formatar: é outro aportuguesamento de impropriedades léxicas da literatura técnica anglo-americana desleixada. Para a ação de arranjar os dados num meio magnético qualquer, fica mais adequado o verbo formar e para "formatação", formato ou formação.

- drive: acionador de disco.

- hardware: termo de difícil substituição, mas, às vezes, cabe equipamento.

- mouse: ratinho é uma tradução muito vulgar. A boa literatura científica registra cursor, termo mais erudito.

- offset: MELO⁴ sugere não substituir tal termo, já bastante consagrado para o processo litográfico de impressão, mas para outros significados como deslocamento, compensação, equiva-

lência, compensar e equiparar a substituição deve ser feita.

- off-line: expressão que deve ser substituída pelos adjetivos desconectado, desligado, ou pela expressão fora do ar.

- on-line: igualmente, pelos adjetivos conectado, ligado, ou pela expressão no ar.

- overlay: MELO⁴ sugere uma tradução cautelosa, todavia, quando couber, usar recobrimento ou superposição.

- plotter: a conotação de traçador-gráfico (versão adequada), na qual é correntemente empregado o termo, exigiria do original inglês a forma "plotting table" ou "plotting device", porque "plotter" é a denominação de engenheiro cartógrafo ou agrimensor. De igual forma, é inadequado o aportuguesamento "plotar" para o verbo inglês "to plot" (marcar, delinear).

- scanner: varredor, dispositivo de varredura.

- software: termo de difícil tradução, mas em muitos casos cabe programa(s).

- time sharing: processamento por tempo compartilhado.

- winchester ou hard drive: disco-rígido.

Os termos abaixo merecem comentários, pelas controvérsias que provocam:

- acuracidade: é um barbarismo inaceitável, oriundo do inglês "accuracy", mas tem parente vernáculo em acurar (latim "accurare")⁴, que significa tratar com cuidado. Há quem substitua "acuracidade" por acuidade, mas este termo está mais ligado à Ótica que à Cartografia. A forma acurado também tem justificativa de existência pelo latim (accuratus), daí, acuradamente, signifi-

cando cuidadosamente, com exatidão⁴. Seguindo uma linha vernácula de raciocínio, MELO⁴ sugere para substituir o barbarismo em pauta o neologismo fundamentado acuro, assim como para amparar tem amparo; adornar, adorno; pousar, pouso; recear, receio, etc.

Na Cartografia há distinção entre um resultado preciso e um acurado. O preciso caracteriza-se pela baixa dispersão dos resultados amostrais em torno de um resultado que não é o aceito como padrão. No acurado, tais resultados agrupam-se em torno de um valor aceito como padrão, com pequena dispersão. Por conseguinte, acuro não é o mesmo que precisão. O vocábulo exatidão pode cobrir a acepção de acuro com maior aceitação, porque, pelo menos, mantém o gênero do barbarismo aqui condenado.

- digitar: outro barbarismo oriundo duma impropriedade de formação de palavras do próprio uso científico-tecnológico do inglês ("digitize", "digitizing"). Os bons dicionários ingleses registram "digit" (s. dígito), "digital" (adj. digital), "digitally" (adv. digitalmente), "digitate" (adj. digitado), "digitately" (adj. digitadamente) e "digitation" (s. digitação). Da mesma forma que a vernaculidade ampara total e totalizar; formal e formalizar, fica igualmente amparada a analogia para digital e digitalizar. Contudo, daí pode surgir controvérsia.

No jargão da Informática, "digitar" em teclado de computador veio a substituir datilografar em máquina-de-escrever e "digitador" vem substituindo datilógrafo. Tal impasse fica dirimido a partir de agora, substituindo-se "digitar" e "digitador" por digitalizar e digitalizador (cf. total, totalizar e totalizador). O

outro impasse vai surgir no âmbito da Cartografia Automatizada, onde "digitalização" é um processo de captar uma imagem no mundo real e armazená-la num meio magnético de memória, para manipulações digitais posteriores. Para distinguir a ação dos dedos sobre um teclado de computador (digitalizar) da ação de um operador, com um cursor, sobre uma mesa-digitalizadora, deve-se acrescentar um complemento não-preposicionado após o verbo digitalizar (digitalizar uma imagem, imagens, etc.). Por analogia com os pares totalizar-totalização e formalizar-formalização, consegue-se digitalizar-digitalização, onde se propõe ao vocábulo digitalização um adjunto adnominal do tipo de imagem(s), para diferenciá-lo do sentido atribuído ao vocábulo digitalização. Basta apenas mudar um pouco hábitos já firmados e banir o verbo "digitar", que não tem apoio vernáculo.

- imagear, imageamento e imageador: segundo MELO¹, constituem "barbarismos tenebrosos". Sem qualquer fundamentação morfológica, tais termos devem ser banidos da literatura científica culta, cabendo à comunidade geocientífica a responsabilidade em fazê-lo. Devem ser substituídos por processar imagens, processamento de imagens e processador de imagens, respectivamente, sem discussão.

- raster: deste termo sobrevêm barbarismos inaceitáveis ("rasterizar", "rasterização", processo "ráster"). O correto é empregar o termo digitalização matricial de imagens ou de objetos cartográficos.

- Sensoriamento Remoto: qualificado como um termo "esdrúxulo" por MELO¹, não possui repercussão vernácula. O pior é que o

termo deu nome a uma ciência emergente, havendo ainda tempo de corrigir o equívoco. O estudo de todas as etapas necessárias à captação da imagem pelo sensor remoto (em satélite, p.ex.) até sua formação numa estação receptora terrestre, constitui o Processamento Remoto de Imagens (PRI). Um pequeno esforço de pesquisa teria evitado o emprego do barbarismo que vem se impondo pelo uso. O PRI vem parcialmente definido pelo termo erudito Iconografia (do grego "eicôn", imagem e "graphein", escrita, descrição), encontrado em qualquer bom dicionário [AURÉLIO, registra: "1. Arte de representar por meio de imagem. 2. Conhecimento e descrição de imagens (gravuras, fotografias, etc.)"]. Para completar a definição, substituindo o barbarismo "Sensoriamento" Remoto, deve-se adotar Iconografia Remota.

5. CONCLUSÃO

É necessário que o escritor duma monografia pense antes no que vai pôr no papel, que recolha elementos bem abonados, que planeje, ordene e selecione o material segundo as proporções do seu plano inicial, insistindo sempre na naturalidade, na espontaneidade e na verdade da expressão⁴.

A fim de manter um alto nível na apresentação de trabalhos científicos, faz-se mister que outros cientistas, pesquisadores e engenheiros, ressentindo-se da baixa qualidade literária que campeia nos meios universitários, contribuam com trabalhos deste gênero, dentro de cada área do conhecimento.

Infelizmente, como a conscientização da comunidade cientí-

fica não tem se manifestado no sentido de melhor cultivar o português oficial na apresentação oral e escrita de trabalhos, é imperativo o uso de meios normativos para evitar uma dispersão acentuada do falar científico em relação ao falar literário culto.

Não é possível deixar como está, porque o vácuo está sendo ocupado pelos semi-letrados, que já começam a pretender que sua ignorância seja padrão⁴.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) MELO, G.C. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. Ao Livro Técnico S.A. Rio de Janeiro, RJ, 1981.

2) CUNHA, C.F. Gramática da Língua Portuguesa. FENAME, MEC. Rio de Janeiro, RJ, 1972.

3) BODMER, F. O Homem e as Línguas. Ed. Globo. Rio de Janeiro, RJ. 1960.



Maj Paulo César Rodrigues Borges

Concluiu os cursos de Intendência da AMAN em 1979 e de graduação em Engenharia Cartográfica do IME em 1987. Concluiu o curso de Mestrado em Sistemas e Computação do IME em 1993. Foi responsável técnico pela demarcação das áreas indígenas do Alto Rio Negro por translocação, através da rede TRANSIT de satélites artificiais. Atualmente está classificado no Centro de Cartografia Automatizada do Exército (Brasília - DF).